



Sociedade sem álibi: *Tropa de Elite*

Regina Andrade* e Andreyra Navarro**

Resumo – Neste artigo, discute-se qual dos dois produtos permanecerá no imaginário do povo brasileiro: o livro *Elite da Tropa* (2005) ou o filme *Tropa de Elite* (2007). O filme é uma inspiração literária do livro; propositadamente foram trocados os termos. Para uma adaptação literária, deve-se pensar na maneira como se processam as transformações ou transposições das palavras em imagens. O filme diz mais, pois revela ação todo o tempo e leva o espectador a esquecer-se do livro no qual foi baseado. Se, de um lado, um grupo de policiais foi treinado para a ação, como é o caso do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais), de outro, *Tropa de Elite* foi capaz de promover na sociedade civil confrontos e embates ideológicos diversificados. Alguns espectadores chamaram a atenção para o clima de “guerra” vivido nas favelas e na cidade do Rio de Janeiro; outros destacaram a intrincada rede criminosa que comanda a sociedade.

Palavras-chave: literatura; cinema; ética; psicanálise; Rio de Janeiro.

Este artigo é fruto de reflexões sobre literatura, seus desdobramentos para o cinema, adaptações literárias de filmes e sobre a cultura brasileira. Nossa experiência de estudos sobre o cinema nos possibilitou pensar que o filme presta-se aos estudos mais diversos das ciências sociais e exatas. Por uma série de questões, a mais flagrante neste estudo foi a observação de que cada ato apresentado, cada cena do livro-inspiração desdobra-se numa teia intrincada de relações socioculturais e sobretudo de imagens que provocaram outras percepções.

Estamos nos referindo ao filme *Tropa de Elite* (2007), dirigido por José Padilha, inspirado no livro *Elite da Tropa* (2005), em que propositadamente foram trocados os adjetivos. Quanto ao filme, um dos autores do livro, Rodrigo Pimentel foi seu co-roteirista. Na verdade os três autores do livro são todos acadêmicos. Dois dos autores foram também ex-policiais do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais) e envolvidos com as universidades da cidade do Rio de Janeiro, quer seja em sua formação, quer seja no seu trabalho. De qualquer forma os autores se apresentam

* Psicóloga e Professora Titular do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: reginagna@terra.com.br.

** Advogada, Mestre em Direito e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: andreyanavarro@hotmail.com.



na orelha do livro com vínculos com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro; um livro de autores cariocas, tema carioca e filme carioca.

Com relação ao público, seu sucesso é nacional e internacional haja vista o prêmio recebido Urso de Ouro do Festival de Cinema em Berlim, em 2008. Este prêmio significa que o tema e a história do filme, apesar de seu caráter particular, têm um caráter universal.

Mas, uma pergunta logo impõe-se, qual dos dois produtos, livro ou filme, permanecerá no imaginário do povo brasileiro? Será necessário um tempo de elaboração para que esta dúvida seja esclarecida. Enquanto isso, o cidadão comum é convocado e contagiado a participar desta suposta “guerra”. O filme conta as ações do Capitão Nascimento (representado por Wagner Moura), sua participação no Bope e suas ações não só de treinamento para participar desta força especial, como também suas ações policiais nas comunidades de baixa renda e favelas do Rio de Janeiro, contra o crime e as ações de traficantes que por aí dominam o tráfico de drogas e de armas. Durante as projeções do filme, observou-se reação febril e apaixonada do público. Pelo menos no Rio de Janeiro, onde o cotidiano da mídia é ilustrado pelas “invasões” das favelas, pela proliferação de ONGs, contra ou a favor, das comunidades, pela guerra do tráfico de drogas, as bilheterias dos cinemas ficaram esgotadas.

Cinema, literatura e cultura

O filme *Tropa de Elite* é uma adaptação literária do tipo “inspiração”. Grande maioria dos filmes da atualidade segue este modelo, ou seja, a partir de um texto, romance, depoimentos autobiográficos, contos, produtos literários de maneira geral, produz-se um filme. Neste procedimento temos que pensar na maneira em que ocorrem as transformações ou transposições das palavras para as imagens. Estes processos podem acontecer simultaneamente ou separadamente, o que dificulta a identificação. Como diz o cineasta Jorge Furtado sobre adaptação literária:

A literatura, que a todo o momento nos remete ao fluxo de consciência dos personagens, pode utilizar todas as palavras. Mas não necessariamente precisa utilizar todas as palavras, o que faz com que alguns textos sejam muito mais facilmente adaptáveis do que outros.
(Furtado, 2003)

Tropa de Elite é muito mais do que uma simples adaptação de um texto. Revela que há ação durante todo o tempo do filme e nos faz esquecer do livro no qual ele foi baseado. Se um grupo de policiais foi treinado para a ação, como é o caso do Bope, e preparado para os eventos cotidianos das ocorrências policiais, e “que até recentemente era um grupo pequeno e fechado, composto por 150 homens treinados para ser a melhor tropa de guerra urbana do mundo” (Soares, 2006, p. 7), a ação deste grupo vai parecer mais realidade do que ficção.



O Bope foi criado em 1978, denominado desta forma em 1991 após ganhar força a idéia de que a polícia militar necessitava de um grupo especial para atuar em situações de crise (sobretudo depois de 1974, quando o diretor de um presídio rebelado foi morto após a invasão do prédio pela polícia). As suas missões são o combate ao crime organizado, a captura de delinqüentes fortemente armados, o resgate de reféns e a contenção de rebeliões, entre outras operações de alto risco.

Para que este grupo seja eficaz, os policiais recebem uma formação diferenciada, voltada para operações de guerra urbana, que inclui um processo severo de seleção e de treinamento. Estes procedimentos são relatados no livro e mostrados na tela. Há, porém, uma diferença importante porque no livro o Bope é considerado uma tropa de elite que se distingue dos demais integrantes da corporação Policial Militar e da Polícia Civil em razão de sua alta qualificação técnica e de sua resistência à corrupção, no período em que esse grupo congregava no máximo 150 homens. Em 2007, quando foi filmado, a realidade já era diferente. Mas, mesmo assim, o orgulho profissional e pessoal de pertencer a um grupo de elite funciona como um elemento inibidor da corrupção, apresentada como um problema generalizado na polícia convencional.

A tropa de elite relatada no livro lida com elementos ficcionais e depoimentos ditos verdadeiros. Mas, como observa Umberto Eco:

Na ficção, as referências precisas ao mundo real são tão intimamente ligadas, que depois de passar algum tempo no mundo do romance e de misturar elementos ficcionais com referências à realidade, como se deve, o leitor já não sabe muito bem onde está. O mais comum é o leitor projetar o modelo ficcional na realidade – em outras palavras, o leitor passa a acreditar na existência real de personagens e acontecimentos ficcionais. (1994, p. 131)

E assim se dá com o personagem do filme, que é onipresente no livro, o Capitão Nascimento, que também é o narrador no filme e personagem principal de sua própria história de vida. Então, de onde sai o Capitão Nascimento? Da ficção? Da realidade de um depoimento? Para onde vai? Para as imagens de um documentário? O que importa é que não só o livro mas também o filme são produzidos com suas marcas culturais e cotidianas da realidade do Rio de Janeiro neste novo milênio.

Para se considerar o Capitão Nascimento ou o Bope como produtos culturais brasileiros, há necessidade de uma argumentação mais forte. Assim é que concordamos com a observação de Homi Bhabha,¹ pesquisador indiano radicado nos Estados Unidos, que apresenta um conceito intermediário que analise a política cultural considerando a *diferença*:

A narrativa e a política cultural da diferença tornam-se o vínculo fechado da interpretação. O Outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar seu desejo



histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional. (Bhabha, 1998, p. 59) [grifos do autor]

De certa forma, o autor diz que a *política cultural da diferença* necessita ser avaliada com cuidado, pois corre o risco de ser enclausurada em interpretações ligeiras. Esse risco existe a partir do aprisionamento do Outro (uma alusão ao conceito lacaniano de cultura),² pois ele pode permanecer como conceito rígido, aprisionado, num local determinado para a cultura e sem as especificidades que estão presentes em cada momento histórico. *Tropa de Elite* não corre este risco porque atua em três registros da *política cultural da diferença*: na literatura, no cinema e na cultura. Isto quer dizer que seus discursos e seus significantes atuam nos três registros: imaginário, simbólico e real.

Do ponto de vista da literatura, o livro *Elite da Tropa* é escrito como depoimento dois anos antes de ter sido filmado, o que dá mais veracidade ao texto. Como o filme, atua no mesmo sentido, tem perfil de documentário, em que o *real* se presentifica a todo o momento. Estamos nos referindo ao *real* aqui abordado que, no sentido lacaniano (1988) diz respeito à ética no Real, no vazio, cujo registro é o *indizível, inalcançável, sem elaboração, a morte*.

Esta questão nos insere no campo do que Zizek tem trabalhado como *dialética do semblante e do Real*. Do Real só temos notícias pelo semblante ao qual temos acesso dada a insuportabilidade do acesso direto ao real

(acesso ao qual somos submetidos pelo uso da palavra a efetivá-lo no simbólico e recaindo sobre o imaginário alguns restos ainda inabordáveis pela palavra). Assim, diz esse autor, “é preciso ter a capacidade de discernir naquilo que percebemos como ficção, o núcleo duro do Real que só temos condições de suportar se o transformarmos em ficção”. (Zizek, 2003)

Processos de adaptação e cinema literário

Uma questão importante nos filmes de adaptação literária, cujo gênero é conhecido como cinema literário, recai sobre as imagens. Há muito tempo que o filme é associado ao sonho: desde que os primeiros pesquisadores começaram as reflexões teóricas sobre o filme. No ontológico *Psicanálise e Cinema* (1975), o artigo de Felix Guatari “O Divã do Pobre”, já trata desta analogia entre cinema e inconsciente. Para Sigmund Freud (1856-1937), o criador da Psicanálise, a *via-régia* mais importante para alcançarmos o inconsciente é o sonho. Muitas vezes se confundiu sonho com inconsciente. Freud observa duas operações fundamentais no sonho: a primeira é a produção dos pensamentos oníricos e a segunda, o trabalho do sonho, cujo efeito é a deformação, possível somente pela presença de quatro mecanismos: *condensação, deslocamento, representabilidade da imagem e elaboração secundária*.

De fato, o sonho é um processo que só existe quando há imagens: o filme também. No sonho a transformação da palavra é completa porque



ela funciona como resto diurno, fornecendo material para a formação das imagens e a volta à forma de palavra já modificada para ser construído o sonho manifesto. Esse mecanismo de *representabilidade* da imagem é o responsável pelas deformações que ocorrem no produto final, que é o sonho narrado.

Mas qual seria a função desse mecanismo que prima pela *transformação*?

Para Freud, este processo de representabilidade “facilita a representação e assim alivia a pressão psicológica causada pelo pensamento constringido.” Alívio este que é o mesmo desempenhado pelos chistes, pelas citações, canções, ou provérbios “presentes na vida mental de pessoas educadas.” E mais ainda, esse fator de deformação dos pensamentos oníricos, necessário para a *representabilidade* da imagem, pode também ser observado nos processos de adaptação presente em dois fenômenos: transformações; e transposições de linguagem.

Nas *transformações* do texto escrito para o texto das imagens, os elementos de diferença, para serem discutidos aqui, são: tempo e espaço. As diferenças principais do tempo e do espaço fazem com que haja uma perpetuidade na palavra que faz com que o livro permaneça por muito mais tempo do que a imagem. Esta diferença é sensível para o leitor e para o espectador. Um romance pode ter vários volumes e ser publicado aos poucos, como por exemplo, *Guerra e Paz*, de Tolstói e, no plano nacional, *O Tempo e o*

Vento, de Érico Veríssimo. O leitor pode aguardar pacientemente as seqüências ou as traduções de seus escritores prediletos. O tempo de leitura pode ser controlado pelo leitor, ao passo que a projeção do filme tem tempo limitado, necessita de equipamento específico para ser projetado e visto.

Elite da Tropa é um exemplo dessa flexibilidade do tempo, tanto que a pirataria, fenômeno que ocorreu no filme *Tropa de Elite*, criou um outro tempo que se antecipou ao lançamento oficial do filme. Cabe salientar que, na versão pirata, o filme original se desdobrou em três seqüências derivadas do filme original. Então, há o filme original comercializado, projetado, dirigido por José Padilha; há o segundo filme, o documentário *Notícias de Uma Guerra Particular* (1999), do diretor João Moreira Salles; e um terceiro e quarto DVDs, respectivamente, *Dia a Dia de um Policial*, que é um vídeo feito por um policial militar sobre o seu dia a dia “combatendo” a criminalidade; e o filme *Ônibus 174* (2002), também do diretor José Padilha. A criatividade popular germinou as seqüências da história básica sem autorização, sem direitos autorais, entregue apenas à clandestinidade da pirataria.

Com relação ao *espaço*, o livro é portátil, pode ser levado para qualquer lugar. Também pode ser escrito com qualquer número de páginas, em qualquer formato, haja vista os *pocket books* e os *audio books*.

Já no filme, o espaço é diferente, exige local específico, horário predeterminado,



maquinário especializado. Seguramente o espaço interfere sobre o sujeito-cineasta na *recriação textual* e no *processo criativo*. Essas diferenças de tempo e de espaço entre literatura e filme levam-nos à verificação das *transformações* que ocorrem com a palavra escrita e com as imagens. Talvez sejam o *tempo e o espaço* as grandes diferenças entre a palavra e a imagem.

Apesar de Freud ter identificado que os processos inconscientes são atemporais (*O Inconsciente*, 1915), ele não considerou as condições da manifestação do imaginário e nem a formação de cada um deles em relação ao espaço. Tanto é que, os dois registros aparecem sempre juntos: tempo e espaço ou espaço e tempo. A propósito, o psicanalista Le Poulichet assinala que:

Cada operação própria de um processo inconsciente (deslocamento, projeção, formação de seqüências, transferências, etc.) tem apenas, de fato, uma consistência temporal e não espacial: é um modo de tempo ou uma operação de transformação e de passagem. (1996, p. 44)

Se o romance não necessita obedecer ao tempo – apesar de ser uma produção datada –, seu conteúdo favorece ao imaginário do leitor porque ele vai despertar fantasias e restos de conteúdos psíquicos atemporais. Já no filme, é bom repetir e insistir que o tempo é limitado, não só para a produção como também para a projeção, e o espaço também, embora o fascínio da imagem, do movimento, das cores, dos sons

e dos efeitos especiais provoquem imagens atemporais no inconsciente.

Em relação ao segundo fenômeno, que são as *transposições de linguagem*, nada pode ocorrer nos processos de adaptação se a gramática e a retórica não forem transportadas de um produto para o outro. São estas *transposições* que fazem com que outro produto artístico seja criado, o qual libera a criatividade do cineasta, no caso, para que seu filme possa ser em muitos casos completamente diferente do livro.

Esta tarefa não é de responsabilidade apenas do diretor do filme do *metteur en scene*, mas de todos que estão envolvidos com o filme fruto de adaptações. Nesta tarefa, atores, diretor, montadores, responsáveis pela trilha sonora, figurinistas e todos envolvidos, até o público, enfrentam o que Edgar Morin chamou de *magia do cinema*.

Ocorrem as transposições no texto escrito que podem ser simplesmente o roteiro do filme ou mesmo um romance. Um filme pode ser entendido por outras culturas ou pode ser reconhecido como merecedor de um prêmio internacional como é o caso de *Tropa de Elite*.

Quando ocorre a metamorfose do personagem André Matias (representado por André Ramiro), personagem negro, pessoa simples, contida, correta, estudante de Direito, policial do Bope, para um policial frio, capaz de matar por vingança, é necessário uma mudança de paradigmas, de ponto de vista ético. Parece que em nosso senso comum há certezas no mundo, nas



quais podemos nos apoiar, mas também, parece que às vezes é necessária uma completa *transposição* na linguagem ou na compreensão de fatos, eventos ou acontecimentos até então vigentes.

Repercussões da obra/filme

Observa-se literalmente que a sociedade brasileira foi mobilizada pelo filme *Tropa de Elite*, do diretor José Padilha, baseado no livro *Elite da Tropa*, dos autores Luiz Eduardo Soares, André Batista e Rodrigo Pimentel.

Quando os jornais e as pessoas nos mais diversos debates páram para dizer que o filme causa isso ou aquilo, como observamos anteriormente, que é reacionário, que é a favor da truculência policial etc., são maneiras de escamotear e não abordar a verdadeira questão que Lacan nos aponta acerca do *gozo obsceno* ou seja, o gozo de cada um (e conseqüentemente, em termos de discurso de nossa cultura) implicado nos acontecimentos como o Bope, que implica diretamente o *gozo da vítima*. Como diz Zizek, ele não pode ser desprezado porque “quando se chega muito próximo do objeto desejado, as fantasias eróticas se transformam em repugnância diante do Real da carne exposta”. (Zizek, 2003)

Em uma sociedade estruturada, percebemos que somos todos responsáveis pelo que fazemos, que somos responsáveis por aqueles com os quais convivemos, e, como dizia o filósofo Emmanuel Lévinas, somos responsáveis por um terceiro, seja ele quem for:

Ser para o outro significa a responsabilidade ética por ele, que permite ao eu superar o rumor anônimo e insignificativo do ser, desenvolve-se uma reflexão sobre a tentativa de sair da condição do haver impessoal, avançando na própria constituição da condição humana - não mais um ser para a morte, mas um ser para o Outro. (1988, p. 48-49)

Tropa de Elite foi capaz de promover na sociedade civil confrontos e embates ideológicos diversificados. Uns chamaram a atenção para o clima de guerra vivido nas favelas e na cidade do Rio de Janeiro, outros destacaram a intrincada rede criminosa que comanda a sociedade. Alguns reclamaram da truculência policial, a ponto de chamar a obra/filme de reacionária, panfletária, e acusá-la de fazer apologia à tortura e aos maus-tratos policiais, denominando-a até como fascista, ideologia a que o diretor José Padilha é radicalmente contrário. Outros a defenderam, a elevaram à categoria de arte, e alguns, horrorizados com o envolvimento civil de nossas responsabilidades, começaram a pensar até que ponto eles próprios são (somos) coniventes com esta complexa rede criminosa e com as ações policiais.

Um dos méritos de *Tropa de Elite* consiste justamente em nos proporcionar uma série de indagações, todas lícitas e mobilizantes. Por exemplo, questões éticas tais quais as ações policiais do Bope estão erradas? Um policial pode ser corrompido? E o “jeitinho” pode estar em ambos os lados? Como conviver na sociedade com a prática lesiva diária?



Podemos entregar nossa fragilidade e nossa vulnerabilidade a sujeitos igualmente frágeis? O que nos diferencia de um policial frente à violência?

Somos, então, mais uma vez convidados a refletir porque pertencemos ao mesmo contexto cultural, nacional, quiçá mundial. Há uma questão mobilizante que nos coloca diante da possibilidade de escolhas. Será a sociedade fruto de transgressões que nos obrigam a tomar partido do lado de traficantes ou do lado de policiais? Diante do conhecimento da verdade revelada, de uma polícia treinada com esquemas de segurança e a violência de transgressores, daremos “carta branca” a esta polícia? Se, por um lado, a existência do Bope na cidade do Rio de Janeiro traz ao cidadão a sensação de uma polícia incorruptível comprometida com a honra de sua farda, por outro, o próprio símbolo da caveira que marca o Bope nos coloca no vazio da morte e das contradições da ética.

O curioso é que o Bope representa nossos heróis, heróis brasileiros, que são treinados para nos proteger, vestidos de preto, fortes, decididos e comprometidos com a honra da corporação, e conosco, população indefesa. Muitas vezes enfrentam a nossa indiferença diante da violência, dos usuários de drogas e do poder armado de traficantes de drogas mantidos por nossa sociedade, melhor dito, mantido por nós que nada fazemos para mudar esta situação.

Nesse sentido, o filme é uma denúncia e um *presente* para nossa percepção, e para nossa sensação de ilusão de proteção.

Finalmente, o pensamento de Thomas Hobbes (1588-1679) está presente. O homem, embora vivendo em sociedade, não possui o instinto natural de sociabilidade. Cada homem sempre encara seu semelhante como um competidor que precisa ser dominado. “O homem é o lobo do próprio homem”, e é este princípio que faz com que Freud aborde este tema em *Mal-estar da Civilização*:

O seu próximo é, para eles, não apenas um ajudante potencial ou um objeto sexual, mas também alguém que os tenta a satisfazer sobre ele a sua agressividade, a explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, utilizá-lo sexualmente sem o seu consentimento, apoderar-se de suas posses, humilhá-lo, causar-lhe sofrimento, torturá-lo e matá-lo. – Homo homini lupus. Quem, em face de toda sua experiência da vida e da história, terá a coragem de discutir essa asserção? (1930, p. 67)

A *consciência social*, tão inscrita no filme e tão escrita no texto do livro, perdeu sua condição de *álibi*. Depois do filme *Tropa de Elite*, essa consciência se metaforizou em tantas outras compreensões e em tantas outras posições éticas. O sujeito envolvido na questão da violência é obrigado a experimentar sua fragilidade em face ao *Outro*, fica sem *álibi*, sem proteção, aquela que julgávamos, ilusoriamente que a sociedade poderia nos oferecer.



Referências Bibliográficas

- BHABHA, H.K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. Companhia de Letras: São Paulo, 1994.
- FREUD, S. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974 [*A Interpretação dos Sonhos*, 1900; *Delírios e Sonhos na Gradiva, de Jensen*, 1907; *Escritores Criativos e Devaneios*, 1908; *Mal-estar na Civilização*, 1930].
- FURTADO, J. A adaptação literária para cinema e televisão. Palestra. *X Jornada Nacional de Literatura*. Passo Fundo (RS), 2003.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- _____. *O Seminário, Livro VII, A Ética da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- LE POULICHET, S. *O Tempo na Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- LÉVINAS, E. *Ética e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- METZ, C. (Org.) *Psicanálise e Cinema*. São Paulo: Global, 1974.
- SOARES, L. E.; PIMENTEL, R.; BATISTA, A. *Elite da Tropa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- ZIZEK, S. *Bem vindo ao deserto do Real!:* cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas. São Paulo: Boitempo, 2003.
- _____. *Violencia en acto*. Conferencias en Buenos Aires. Buenos Aires: Paidós, 2005.

Referência Cinematográfica

- TROPA DE ELITE. Direção: José Padilha. Roteiro: Rodrigo Pimentel, Bráulio Montovani e José Padilha. Produção: José Padilha e Marcos Prado. Distribuidora: Universal Pictures do Brasil, 2007.

Resumo de *Elite da Tropa*

O livro é dividido em duas partes e um epílogo. A primeira parte é o “diário de guerra”, sendo inteiramente narrado por um oficial do Bope, e serviu como inspiração para o filme. O narrador não tem nome (no filme recebe o nome de Capitão Nascimento). O “diário de guerra” consiste em vinte e duas pequenas histórias ocorridas durante um ano. A primeira edição é de 2005, e a segunda, já de capa nova, vem com atores do filme em 2007. A segunda parte intitulada “Dois anos depois a cidade beija a lona” é narrada pelos autores do livro. Baseado em acontecimentos reais, o livro retrata o cotidiano do Bope, considerado a elite da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. O livro apresenta o Bope como um esquadrão incorruptível e extremamente violento. O enredo revela suposto plano para matar Leonel Brizola, então Governador do Rio de Janeiro.

Sinopse de *Tropa de Elite*

Tropa de Elite é um filme brasileiro de 2007, dirigido por José Padilha, que tem como tema o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE) da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro. Ao criticar duramente os usuários de substâncias ilícitas, atribuindo-lhes culpa pela expansão do tráfico de drogas e da violência, o filme gerou grande debate na mídia brasileira. As práticas de tortura por parte dos policiais também foram abordadas, gerando questionamentos acerca do fato de os personagens estarem sendo considerados heróis por suas atitudes frente aos bandidos.

Abstract— *This article discusses which of the two goods shall remain in the imaginary of the Brazilian people: whether the book *Elite da Tropa* (2005) or the movie *Tropa de Elite* (2007). The movie turns out to be a literary inspiration of the book; deliberately, terms in the titles were exchanged. A literary adaptation requires displacements or transformations of words into images. The movie goes further, in the sense that it forges action all the way through and gets the spectator to forget about the book it was based upon. If, on the one hand, a police team was trained for action, as it is the case of Bope [Special Police Operation Battalion], on the other hand *Tropa de Elite* was able to generate a number of ideological controversies in the midst the civil society. A few spectators drew attention to the “war” atmosphere experienced in the slums and in the city of Rio de Janeiro; others highlighted the intricate criminal web that governs society.*

Keywords: *literature; cinema; ethics; psychoanalysis; Rio de Janeiro.*

Resumen - *En este artículo se discute cual de los dos productos permanecerá en la evocación del pueblo brasileño: el libro *Élite da Tropa* (2005) y la película *Tropa de Élite* (2007). La película fue tomada del libro; intencionalmente se han cambiado el orden de los términos en sendos títulos. En la adaptación cinematográfica de un libro, hay que pensar en la manera como se procesan las transformaciones o transposiciones de palabras a imágenes. La película comunica más, pues muestra acción todo el tiempo y conduce el espectador a olvidar el libro en que se ha basado. Si, por una parte, un grupo de policías fue entrenado para la acción, como es el caso del Batallón de Operaciones Especiales de Policía (Bope), por otra, *Tropa de Élite* fue capaz de promocionar en la sociedad civil confrontaciones y ataques ideológicos variados. Algunos espectadores llamaron la atención para el clima de «guerra» vivido en las favelas y en la ciudad de Río de Janeiro; otros subrayaron la intrincada red criminosa que rige la sociedad.*

Palabras-clave: *literatura; cine, ética; psicoanálisis; Río de Janeiro.*



Notas

- ¹ O autor leciona Teoria da Cultura e Teoria da Literatura na Universidade de Chicago. É também Professor Visitante de Ciências Humanas no University College, de Londres. Homi Bhabha tem publicado inúmeros textos sobre pós-modernidade, pós-colonialismo e identidade cultural.
- ² Outro: conceito lacaniano que envolve relações do sujeito com a cultura.

